

UMA CIDADE NÃO TÃO NO 'MEIO DO MUNDO' ASSIM... PAISAGENS E IDENTIDADES EM MACAPÁ, AMAPÁ

Newan Acacio Oliveira de Souza  

Mestrando PPGAS/UFSC

submissão: 02/03/2020 | aprovação: 18/08/2021

RESUMO

Este artigo tem como intuito problematizar as paisagens das cidades, em especial, da cidade de Macapá, no Amapá, a partir do que se denomina Arqueologia da Paisagem. A pesquisa foi construída a partir de uma interlocução entre Arqueologia, Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Geografia e Artes Visuais, e tem como enfoque as diferentes formas de se representar as paisagens, suas nuances nas formações identitárias e seus mais diversos regimes de conversação. Assim, foram analisadas canções, fotografias e o atual Plano Diretor Urbanístico da cidade buscando suas dissidências, (des) caminhos e poéticas que reverberam no acontecer citadino.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem; Cidade; Macapá.

CITY NOT SO MUCH IN THE “MIDDLE OF THE WORLD” AS IT SEEMS... LANDSCAPES AND IDENTITIES IN MACAPÁ, AMAPÁ

UNA CIUDAD NO TAN EN EL ‘MEDIO DEL MUNDO’... PAISAJES E IDENTIDADES EN MACAPÁ, AMAPÁ

ABSTRACT

This paper aims to problematize city landscapes, specifically the city of Macapá / Amapá, from the standpoint of Landscape Archeology. The research was built on a dialogue between Archeology, Anthropology, Architecture and Urbanism, Geography and Visual Arts, and it focuses on the different ways of representing landscapes, their nuances in identity formations and their most diverse dialogue regimes. Thus, songs, photographs and the current Urban Master Plan of the city were analyzed in the search for their dissent, (discordant) paths and the poetics that reverberate in the city’s happening.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo problematizar los paisajes de las ciudades, especialmente la ciudad de Macapá / Amapá, a partir de lo que se llama Arqueología del Paisaje. La investigación fue basada en un diálogo entre Arqueología, Antropología, Arquitectura y Urbanismo, Geografía y Artes Visuales, se centra en las diferentes formas de representar paisajes, sus matices en las formaciones de identidad y sus más diversos regímenes de conversación. Así, se analizaron canciones, fotografías y el Plan Maestro Urbano actual de la ciudad en busca de su disidencias, (dis) caminos y poéticas que reverberan en la ciudad.

Keywords: Landscape Archaeology; City; Macapá.

Palabras clave: Arqueología del Paisaje; Ciudad; Macapá.

INTRODUÇÃO

Chove em Macapá. Chove como se o mundo fosse acabar ou mesmo as águas do rio Amazonas fossem engolir a cidade por inteira, desde a Ponta da Fortaleza até o Marco Zero, São José nenhum iria barrar. Mesmo com tanta chuva, tem gente correndo de uma calçada a outra, vendedores e locutores buscando clientes a serem conquistados pelo centro comercial e o calor continua “sem tréguas”. O meio do mundo por ali faz-se pelas lentes de câmeras e cadernos de campo. Entretanto, e se o meio do mundo não fosse tão por ali assim?

Questiono-me, há algum tempo, se essa onírica e paradisíaca construção de lugar é “tão macapaense assim”, ou mesmo o que significaria tal expressão. Constrói-se cidade ao navegar pelos rios, ao deles se fazer cenário televisivo, estampá-los em galerias e camisetas. As identidades dessa cidade são timidamente postas, escolhidas, ressaltadas, diferenciadas de tantas outras a recheiar a Amazônia. Aqui, “na esquina do rio mais belo, com a linha do equador”, parafraseando Zé Miguel, tento compreender minha posição nesse emaranhado, o estranhamento incessante ao construir narrativas, agora na Academia, de como compreender a construção de versões de cidade a partir de um reconhecimento e realização material das identidades.

Minhas inquietações se fundam em compreender, o tanto quanto possível, como essa construção e tantas outras falam sobre essa cidade, seus fluxos e habitantes. Para Magnani (2002: 11), o olhar “de perto e de dentro” com intuito de discorrer sobre configurações que fogem, ou não são o foco, das análises em macroescala (“de longe e de fora”) propiciam pensar as cidades contemporâneas a partir de suas heterogeneidades e sociabilidades. Entretanto, para esse autor, há também esse “olhar de passagem” que se caracteriza como “cujo fio condutor são as escolhas e o trajeto do próprio pesquisador” (Magnani 2002: 18), e que de seus caminhos pela cidade observa diferentes atores sociais. Proponho ao longo desse texto, intercambiar essas aproximações, ora de “passagem” e por outros momentos “de perto e de dentro”.

A cidade de Macapá é aquela do “meio do mundo”, a Linha do Equador está aqui para comprovar, o rio Amazonas e seu balançar incessante de águas concorda enquanto a tímida e voraz Floresta Amazônica assiste. São desses elementos, de seus usos, assimilações, e porque não dizer de suas próprias criações no imaginário que a cidade se faz, e como essas mesmas identidades paisagísticas macapaenses estão em uma infinita conversa.

E, sem delongas, em Macapá, tão ao Norte do país, essas tais identidades, foco em minhas

reflexões, são calcadas (em parte) em suas características ambientais e geográficas. A confusão pode ocorrer ao se postular enquanto de demasiada importância apenas tais características (ambientais e geográficas), ou seja, que dizer que até a coordenada geográfica mais cartesiana, nesse caso restrito, pensada nas dinâmicas da vida contemporânea e seus derrames, podem ser imbricadas das mais diferentes, horizontais e experimentais cosmologias, cosmogonias e construções sociais.

As considerações que se seguirão ao longo desse texto são frutos e (in)certezas de meu trabalho de conclusão de curso em Arqueologia, que se desenvolveu no âmbito do Lume Observatório das Coisas Contemporâneas (LOCCO), na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Minha pesquisa e, principalmente, a gama de divagações e problematizações dela proveniente são acerca da ciência arqueológica enquanto propulsora de discursos sobre as cidades contemporâneas. Questiono-me, tanto nos títulos e subtítulos aqui presentes quanto naqueles que compuseram minha monografia, o quanto no meio do mundo realmente estamos. E de que forma, a partir de quais usos, nós nos abraçamos nesse “slogan”.

Com enfoque na cidade de Macapá, capital do estado do Amapá, busquei discutir sobre suas

paisagens, seus agentes e suas representações paisagísticas e como nos contam histórias sobre suas construções identitárias. Assim, estruturo a metodologia em questão a partir da análise de três diferentes suportes: letras de canções, fotografias e plano diretor e urbanístico, com o intuito de compreender como a cidade é representada a partir de elementos da “cultura popular” e pelo poder público. Objetivo esboçar uma reflexão sobre como as paisagens são formuladas e agenciadas enquanto “entes identitários”, das formações a partir da relação dessas pessoas com as águas e terras. Essa cidade, como todas as outras, fala sobre si (entendendo que ela é feita de diferentes grupos, negociações, conflitos e agentes) nos mais diversos regimes de conversação e formas expressivas.

Como cientistas, busca-se “ordem” nesse dito caos urbano, aproximação essa passível de disputa e que apresenta uma (das tantas) perspectiva sobre as urbes. Magnani (2002) e Agier (2015) discutem acerca desse aspecto (o caos), demonstrando que são centrados na homogeneização da experiência nos núcleos urbanos. Desse “caos” tentam-se traduções em pesquisas, entretanto, como Fonseca (1999) relata, passa-se longe com essas tentativas de organização estéril. Justamente nas “bagunças” que as mais profícuas interpretações podem surgir. Ao compreender que estudar as cidades

contemporâneas é lidar com uma “bagunça de tempos e coisas, memórias e pessoas” (Gonzalez-Ruibal 2006:115)¹ instituem-se, ou melhor, se fazem Arqueologias das mais diversas, carregadas de envolvimento, desamores e ritmos do pulsar citadino.

Essas formas de pensar/fazer Arqueologia se situam, como Reis e Cabral (2018) disseram, indo de encontro ao “mal” dessa área do conhecimento, o “passado”. Ao utilizar essa categoria, não apenas como fator de delimitação, ou mesmo de “legitimação”, mas enquanto ponto de convergência ou divergência se reinventam propostas. Exemplos vão desde a Arqueopoesia de Lara Passos, costurada a partir dos versos em uma perspectiva “crítica, afrocentrada, feminista e contra-hegemônica” (Passos 2019: 15), que tensiona como se ensina e se aprende Arqueologia, à pesquisa de Alice da Conceição Teixeira (2019), que se centra na compreensão dos processos de construção mútua entre as fábricas da indústria da pesca e as mulheres que ali trabalharam, em uma pequena cidade do litoral gaúcho, refletindo sobre as dinâmicas de violência e dominação dentro desses espaços a partir das histórias de vida dessas trabalhadoras que se relacionam com o cotidiano da pesquisadora. Outras importantes contribuições são as pesquisas de Shay

de Los Santos Rodríguez (2019) e Violet Baudelaire Anzini (2021), que utilizam de suas vivências enquanto pessoas transgêneras para demonstrar as invisibilizações, dinâmicas e normatizações que corporalidades não cis-heterossexuais são impostas e como suas resistências.

Em variados momentos, minha escrita pode soar quase que a romantizar o estar/ser-cidade, mas esse não é objetivo. Proponho, em coro, com tantos e tantas autores/as (para citar alguns e algumas: Foucault 1989, 2014; Ingold 2018, Heller 2016, Magnani 2002, 2009, Prats 1997, Rocha & Eckert 2001, Sontag 2009, Woodward 2000), uma cidade que é vista mais do que como um aglomerado de pessoas e prédios, é um caminho de compreensão de suas próprias multitudes. Para o exercício aqui proposto, que nasce em uma busca de tratar das paisagens citadinas de Macapá, as palavras de Magnani (2009) corroboram em “grau e número”

(...) mais do que um mero cenário onde transcorre a ação social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos, etc.) em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos. (Magnani 2009:132).

¹ No original: “(...) mess of times and things, memories and people (...)”. Tradução de responsabilidade do autor.

aspectos de escolhas e sobreposições sobre tal conceito (identidade). Em *Microfones, Fotografias e Decretos*: “te faz Macapá! apresento recortes do material utilizado em minha pesquisa e busco tensionar algumas das categorias apresentadas no decorrer dessa escrita, como o processo de construção das identidades de sujeitos amazônicos em Macapá pelas fotografias, músicas e legislações. E por fim, o tópico *Considerações: indo além do lugar de tantas bacabas*, encerra, neste exercício, minhas contribuições, enxergando a cidade por outras marés, enquanto pesquisador e “nativo”.

1 ESTRATIGRAFIAS DO COTIDIANO

Ao tratar de paisagem urbana, construída social, cultural e ideologicamente nos mais diversos níveis, tive um desafio principal, pelo menos nos primeiros momentos, já que tantos outros surgiram: como acessar essas conjunturas e compreender essa cidade múltipla? Transitei entre as análises de planos urbanísticos e planos diretores para músicas e fotografias enquanto respostas satisfatórias para minhas inquietações. Esse questionar é fruto de repensar categorias ou dinâmicas de representação sobre a cidade de Macapá e se desenvolve na escuta e leitura atenciosa de suportes que trouxessem a paisagem da cidade em sua centralidade ou a “regesse” em

algum nível, buscando assim discorrer sobre identidades e a urbe.

A paisagem na Arqueologia, seu conceito e aplicação, é compreendida das mais diversas formas em outras áreas do conhecimento, essas mesmas possibilidades se multiplicam. Para Besse (2006), na relação entre Geografia, Paisagem e Fenomenologia, tal conceito (paisagem) é posto a partir da experiência, é situado a partir de uma dimensão da vida, logo para este autor,

A terra é paisagem, mais precisamente ela é cultura, expressão do movimento da existência humana na superfície da Terra. Se a paisagem “diz” alguma coisa ao ser humano que a considera, é fundamentalmente porque a paisagem é marcada pela historicidade. E o que ela diz ao ser humano é a contingência da existência a necessidade da obra e da ação. (BESSE 2006: 95, grifo do autor).

Na Antropologia, Silveira (2004) utiliza de duas perspectivas para tratar deste fenômeno, a primeira delas na compreensão de como grupos humanos modelam o mundo “natural” e assim são, a certo modo, por esse mundo “modelados”. A segunda perspectiva atribui a leitura da paisagem enquanto de aspecto polissêmico e, por conseguinte, temática transdisciplinar a qual diferentes aportes teórico-metodológicos se fazem necessários. Silveira (2004) dirá que a paisagem,

Pulsa e vibra por si mesma existindo uma mobilidade que lhe é inerente. Carrega consigo a representação e todo o fundo mítico aderido ao seu corpo persiste nas suas características biofísicas, re-situadas em ordens de significação de imagens. Através do processo de culturalização da paisagem surge a aura e nomeação do lugar – a toponímia resguardando um ‘mito de fundação’, como dimensão primeva na sobreposição de camadas da memória -, enquanto dimensões da dinâmica do imaginário e dos sentimentos a ela vinculados. Ela é um paradoxo criativo, pois enquanto complexidade ecossistêmica e produto humano, abarca o sujeito e está para além dele, encompassando-o no espaço-tempo. (Silveira 2004: 171).

É nessa polissemia (Silveira 2004, 2009) teórica, prática e, quase semântica do que é paisagem que se desenha a cidade nos estudos urbanos, seja na Geografia ou Antropologia ou, como será visto a seguir, também na Arqueologia. Assim, desenha-se, fotografa-se, canta-se e escuta-se a cidade.

Para autores como Fagundes e Piuzana (2010), na Arqueologia, a paisagem pode ser vista como uma construção social, o que altera e amplia as percepções do que seria um sítio arqueológico, por meio da presença de aspectos que demonstram a sua continuidade utilitária (simbólica) ao longo do tempo. Proporcionando análises que *trazem à tona* e que é característica de tal ciência: continuidade e mudança, simbolismo, obtenção de recursos, ocupação territorial. Portanto, é necessário explorar as relações que nesse espaço

se constituíram, dessa forma, traçando uma linha de continuidade relacionada às formas de análise a partir das informações obtidas, embarcando dentro das técnicas, métodos, processos epistemológicos e conceituais (Fagundes & Piuzana 2010, Fagundes 2014).

Para Sousa (2005), o desenrolar das compreensões da paisagem dentro da Arqueologia, em um breve paralelo com a Geografia Cultural, se dá com as mudanças teóricas e epistemológicas dessas áreas do conhecimento e suas inspirações na Antropologia, Filosofia e Teoria Social. A autora delimita que a presença da categoria paisagem, dentro dos estudos arqueológicos, nasce de sua compreensão enquanto um artefato e, portanto, objeto de análise. É necessária a compreensão de que essa perspectiva também é passível de alteração, o que de fato acontece. Sousa (2005) demonstra que tais mudanças propiciam considerações das paisagens atuando nas dinâmicas da vida social de diferentes sociedades, participando e construindo normatizações, valores, processo de exclusão e resistências. Nesse ínterim,

[...] abordagens mais amplas vêm sendo desenvolvidas, discutindo o significado da paisagem para quem a construiu ou para quem veio a ocupá-la, fortemente calcadas em um enfoque teórico sociopolítico, cujo objeto de estudo não é apenas a paisagem, como cultura material, mas, também, o homem que com ela interage. Nesses termos, a paisagem

não se constitui em um mero reflexo de processos socioculturais, mas atua como um de seus fatores constitutivos. (Souza 2005:295).

Pelas próprias divergências e (in)congruências do que é, em vias de fato, essa tal paisagem é que a construção de novas abordagens, metodologias e possibilidades são cada vez mais necessárias. Mesmo na Arqueologia e sua 'tradição' na temática, esses mergulhos devem ser precisos e repetidamente realizados. Não esquecendo "Binford e sua trupe" (Souza 2019:21) e suas contribuições, mas que seja possível desprender de uma Arqueologia sem envolvimento.

Das novas e velhas formas que se estudam as paisagens "arqueológicas ou não", dos mais diversos envolvimento, estranhamentos e temporalidades, trago ainda alguns desses exemplos, enquanto inspirações, como os trabalhos de Thiesen (1999, 2011). No primeiro deles, a autora pensa o conceito de paisagem e sua relação com a cidade, a própria paisagem urbana no centro histórico de Porto Alegre (RS). No segundo, ela pensa as relações de identidades imigrantes e materialidades na cidade do Rio Grande (RS).

Essa autora traça, a partir de suas pesquisas, como que as paisagens das cidades se constroem e materializam dinâmicas de exclusão, escolha de identidades e representações dos grupos sociais. Ao

trabalhar com diferentes grupos, entretanto com um aspecto em semelhança – as arquiteturas –, Thiesen estipula o urbano, esse em constante remodelação e formado de disputas enquanto área de estudo da Arqueologia. Nesses caminhos, ela demonstra as múltiplas possibilidades de se trabalhar com a cidade, suas arquiteturas e identidades a partir das paisagens e seus processos de formação.

Também os trabalhos de Silva (2006, 2009, 2010) discutindo paisagem e suas relações com a identidade do tropeirismo no Rio Grande do Sul, em uma perspectiva interdisciplinar, trazem uma linha de contribuição importante, pois traz diferentes conceitos ao trabalhar a Arqueologia e suas ferramentas teórico-metodológicas frente às áreas do conhecimento múltiplas, que conversam e se complementam para compreender um fenômeno em específico. Nesse caso, como já referido para diferentes autores, os estudos sobre o Urbano (Magnani 2002) e a Paisagem (Silveira 2004, Sousa 2005) se fundam entre campos disciplinares, em profícuas e necessárias fronteiras.

Para Tramasoli (2015, 2017), em suas considerações sobre as paisagens da "cidade cinza" (Rio Grande), o fazer Arqueologia está circunscrito em múltiplas temporalidades, sendo o tempo contemporâneo um desses. O autor argumenta que a Arqueologia procura compreender "a vida social a partir da dimensão material do mundo"

(Tramasoli 2017: 199), essa ainda é circunscrita a partir da relação de diferentes entes. Ao problematizar aspectos relacionados às edificações e ruínas por suas “andanças” em sua cidade natal, o autor demonstra que é possível rever categorias familiares geograficamente e temporalmente.

Pellini (2009, 2011), em contrapartida, realiza trabalhos com enfoque central nas percepções fenomenológicas na paisagem e sua contribuição dentro da Arqueologia. As perspectivas propostas para esse autor são de grande contribuição para pensar que, além dos aspectos materiais, as paisagens são constituídas pela sua experimentação. São formadas e formam sensações, cheiros e sons, e por esses aspectos podem ser postas à análise.

Ao tratar da delicada e invisibilizada relação das trabalhadoras sexuais e a cidade gaúcha de Pelotas, Costa (2020) traz a participação e o protagonismo dessas mulheres na construção das paisagens da cidade em temporalidades distintas. Utilizando diferentes fontes, como as iconográficas, as jornalísticas, as históricas e as etnográficas, possibilita um diálogo entre o contínuo processo de formação das paisagens urbanas, demonstrando relações de poder desiguais, resistências e formas não hegemônicas de representar a cidade.

Dentre tantos conceitos e considerações, Pellini (2011) traz o seguinte,

Paisagens não são materialidades inertes que estão esperando para serem exploradas, da mesma forma que uma casa não é construída apenas para abrigar pessoas. Elas são contextualizadas, sentidas, cheiradas, tocadas, utilizadas nos termos da identidade individual e coletiva a partir de um conhecimento cognitivo (Pellini 2011:21)

Parto dessa forma de pensar paisagem, longe do ideal de receptáculo ou cenário de uma ação humana que a transforma e modela, mas a encarando enquanto agente essencial nos processos de significação.

As idas e vindas entre teorias, livros e cópias das mais amassadas, direcionam, a contragosto de alguns, à Antropologia Ecológica de Tim Ingold. Parte de suas ideias é transmitida de forma deveras interessante para articular novas teorizações e aplicações do que é essa bendita paisagem. O autor, em *Estar vivo - Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* (2018), traça a sua discordância com a utilização do termo “paisagem” para conceituar novas percepções das interações dos mais diversos sujeitos (coisas) no plano físico e, conseqüentemente, limitando as verdadeiras relações que ocorrem no “mundo-tempo”. Para ele:

Ao invés de pensar em nós mesmo apenas como observadores, trilhando nosso caminho ao redor dos objetos espalhados pelo chão de um mundo já formado, devemos imaginar-nos, em primeiro lugar, como participantes, cada um imerso com todo o nosso

ser nas correntes de um mundo em formação: na luz solar nós vemos, a chuva na qual ouvimos e o vento no qual sentimos. Participação não se opõe a observação, mas é uma condição para isso, assim como a luz é uma condição para se ver as coisas, o som para ouvi-las, e a sensação para senti-las. (Ingold 2018:197).

Estar e colocar-se na paisagem, termo que aqui não fora banido e sim posto a diferentes significações, é mais do que sentir, ver ou ouvir o mundo, é realizar isso com o mundo e com todos os seus formadores. Assim, “ver o céu é *ser* o céu, uma vez que o céu é a luminosidade e a percepção visual do céu é uma experiência de luz” (Ingold 2018: 197, grifo do autor). Trago isso para dizer que somos a paisagem, estamos em fluxo com ela e a partir dela. Somos a cidade e as transformações que nelas são (im)perceptíveis.

Propus, como uma das formas de análise de material empírico da pesquisa, a interpretação de diferentes suportes artísticos ou não, que fossem propulsores de narrativas sobre a cidade de Macapá. Essas escolhas situam-se, como Velho (2003) aponta, nos estudos urbanos no Brasil (em especial, a Antropologia), relacionadas às dinâmicas atribuídas ao sujeito que realiza a pesquisa, ou seja, das relações por mim construídas, de materiais que estiveram presentes, também, na minha formação identitária. A partir de então, busquei “estratigrafar” os cotidianos macapaenses

como um exercício de fazer Arqueologia em um contexto amazônico contemporâneo, a partir de diferentes temporalidades e enfoques teóricos, metodológicos e empíricos. Assim,

Para se elaborar uma interpretação do significado de uma determinada paisagem, é preciso identificar os diferentes discursos que atuam na sua configuração, lidando, concomitantemente, com dois níveis de observação: um que diga respeito à vida social num plano geral, e outro, associado às relações de poder em particular; em ambos se deve procurar compreender como essas relações são constituídas, reproduzidas e contestadas. (Sousa 2005: 296-7).

Por conseguinte, ao trazer as proposições de Sousa (2005), busco esses dois níveis de observação nas músicas, fotografias e plano diretor e urbanístico. Nesse caso, os dois níveis de observação aqui incorporados são entendidos enquanto fluidos, possibilitando aproximações de “passagem” e “de perto e de dentro”.

Aliado ao processo de buscar novos sentidos e formas na Arqueologia tive o desafio de utilizar de práticas, narrativas e construções cotidianas a mim tão corriqueiras como fonte de pesquisa. É intrínseco que esses desafios colocados ao longo da construção da pesquisa não são inéditos e que há uma vasta bibliografia sobre os “desamores de falar sobre casa”, entretanto, deve-se marcar as nuances a partir das particularidades dos diferentes casos, a

fim de compreender que o fazer ciência é plural e que, ao mesmo tempo, deve ser encarado enquanto um constante exercício de metalinguagem.

Os cotidianos, as práticas cotidianas ou, até mesmo para alguns, a cultura, são os fluxos e redes nos quais imersos nos encontramos e estão em constante construção. O cotidiano pelas palavras da filósofa húngara Agnes Heller (2016) é

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (...) A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. (Heller 2016:37-8).

Assim, músicas, fotografias, planos diretores e urbanísticos são constituintes dessa cotidianidade e integram a essência da substância social, permeando a construção das identidades, das políticas de patrimônio e dos mais diversos fluxos presentes na cidade e suas disputas. As estratigrafias do cotidiano são as diversas camadas (in)visíveis e seus desdobramentos com enfoque em compreender, ao menos a partir de um espectro, ao que se misturam categorias, como memória, paisagens e identidades no acontecer urbano.

2 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NA MARGEM ESQUERDA DO AMAZONAS

Ao discorrer sobre identidades e sua complicada conceituação nas ciências humanas e sociais, já que em termos teóricos as divergências são encontradas das mais diversas, incongruentes e eloquentes formas, cabe pensar, no contexto trabalhado, que os aspectos identitários são postos enquanto material e culturalmente construídos (Woodward 2000). A margem esquerda do Amazonas é, além de uma coordenada e característica geográfica importante, um atributo de identificação e de construção identitária, paisagística e urbanística dessa região

Como a cidade se representa e é representada conta, canta, fotografa e grita sobre a identidade que lhe é construída e imposta. As construções de identidades para Woodward (2000) envolvem relações de poder que definem o quê/quem é incluído e excluído desse processo (Souza 2019). A marcação das diferenças é outro dos pontos centrais dessas formações, ou seja, ressaltar as características de divergência dos outros, aqui pensados enquanto grupos étnicos, cidadãos e/ou sociais diferentes, faz parte do processo de autoconstrução de sua própria identidade (ver Douglas 2014, Hall 2000, Woodward 2000). Não apenas a “diferença” é de demasiada importância para a compreensão da construção de uma identidade e seus mais variados

e profícuos desdobramentos, mas como também a representação. Sobre isso, Hall (2000) diz

Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (Hall 2000: 109).

Representar-se é uma busca incessante de autoconhecimento e reconhecimento, são essas práticas que dão tônicas às diversas camadas da vida cotidiana, suas paisagens e fluxos em transformação. Com enfoque na cidade, em especial, Macapá, cabe discorrer sobre como essas identidades em constante mutação são sobrepostas, misturadas, condensadas e modificadas entre rios, trapiches e as mais diversas interações sociais, sejam elas o “sobe e desce” nas paradas de ônibus, os compartilhamentos on-line de fotografias ou os decretos de uma lei municipal.

Gostaria de ressaltar que é a partir desses suportes: letras de músicas, fotografias e Plano Diretor que pude, ao menos no possível, compreender como as paisagens são intrinsicamente ligadas aos processos de construções identitárias, perpassadas pelos mais

diversos fatores, sejam eles as políticas públicas de regimento de desenvolvimento aos movimentos de pertencimento. Por conseguinte, a análise que busco, aos tropeços e acertos, através da paisagem, é centrada não apenas em sua compreensão enquanto aporte físico dessas construções ou a inércia de um papel passivo das relações, ou até mesmo sua interação a partir de que constrói e é construída pelo humano. Traço por paisagem e seu estudo (enquanto pautado em compreender sua constituição, e não sua realidade “dada”) a partir de processos mútuos e indissociáveis de seus aspectos geográficos, sociais, políticos, culturais, seus sons, cheiros, tempos e bagunças.

3 MICROFONES, FOTOGRAFIAS E DECRETOS: “TE FAZ MACAPÁ!”

Iniciarei este tópico, o maior deste texto, a propósito, definindo com maior profundidade os três suportes empíricos utilizados durante o desenvolvimento das considerações aqui sobrepostas: músicas, fotografias e Plano Diretor.

O primeiro desses suportes são as letras de músicas, previamente selecionadas em razão de suas temáticas. Foram escolhidas as canções de três intérpretes amplamente conhecidos no cenário musical amapaense e que são popularmente conhecidos por suas composições e interpretações na MPA (Música Popular Amapaense): Amadeu

Cavalcante³, Osmar Júnior⁴ e Zé Miguel⁵. Essa escolha foi realizada da seguinte forma: de Amadeu Cavalcante e Osmar Júnior foram escolhidas duas letras de cada intérprete e de Zé Miguel, três letras.

O segundo suporte empírico de pesquisa foi uma amostra de imagens de autoria do fotógrafo

Floriano Lima⁶, a partir de seu perfil na página de relacionamentos Facebook. A escolha dessas fotografias e formação de tal amostra foi realizada a partir de dois critérios centrais de seleção: (i)

imagens que tivessem como temática aspectos ligados à cidade de Macapá; e (ii) imagens que possuíssem números elevados de curtidas e/ou compartilhamentos. Dessa forma, foram selecionadas 26 fotografias do período entre setembro de 2018 a setembro de 2019.

O terceiro suporte e seu desdobramento foi o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá (Macapá 2004) e o Plano de Metas Macapá rumo aos 300 anos

3 Amadeu Cavalcante (Macapá, 2 de setembro de 1961) é um cantor e compositor brasileiro. Iniciou sua carreira profissional cantando nos bares de Macapá na década de 1980. Em 1989, lançou o primeiro disco da carreira, o LP *Sentinela Nortente*, em parceria com o também cantor e compositor amapaense Osmar Júnior, que compôs todas as canções. Em 1996, foi a vez de *Tarumã*, que traz na capa a pintura do artista plástico amapaense Da Gama, retratando a lenda folclórica do rio Calçoene, retratada na canção que dá nome ao disco. A partir de abril de 1997, Amadeu Cavalcante passa a integrar o quarteto Senzalas, junto com os músicos Zé Miguel, Val Milhomem e Joãozinho Gomes. (Fonte: Wikipédia Brasil).

4 Osmar Junior Gonçalves de Castro nasceu em Macapá, no dia 14 de junho de 1963. Autodidata, tornou-se poeta, compositor, cantor, cronista e produtor cultural em sua cidade situada no extremo Norte do Brasil, na Amazônia brasileira. É um dos principais nomes da música ideológica preservacionista da região. Seus temas se tornaram conhecidos pelas letras com expressões regionais e suas mensagens de denúncia às agressões do meio ambiente e da identidade cultural da Amazônia. Índios, negros e caboclos são poeticamente citados em suas canções. Na década de 1980 fundou junto aos seus parceiros Amadeu Cavalcante, Val Milhomem e Zé Miguel, o Movimento Costa Norte para investigação, divulgação e preservação da música produzida no Amapá e consecutivamente na Amazônia, mudando, assim, o panorama de música local. Compôs, nessa época, um álbum com dez músicas que falam da ecologia e injustiças sociais sofridas pelo povo amazônico. As fusões rítmicas universais trabalhadas em suas obras retratam a música amapaense de raiz com um toque bem popular, a partir do seu violão e canto. Sua música perluastra as devastações, as extinções, a biopirataria e a morte das culturas tradicionais da Amazônia, mas também é compositor de baladas românticas famosas na região. Por sua insistência em manter a identidade do seu povo, por sua participação na fundação do movimento musical Costa Norte, por sua paixão pela sua terra, tornou-se conhecido como o "Poetinha do Amapá". (Fonte: Diário do Amapá).

5 Um cantor que traz no coração o amor de sua gente e de sua raiz com a alma cheia de gente da floresta, com o perfume das matas e dos vivos, que tem morada no meio do mundo, onde o seu endereço é bem fácil, na esquina do rio mais belo, o Amazonas, com a linha do equador, bem no meio do mundo. Está entre os principais representantes da música da Amazônia, com valorização dos ritmos regionais, como o Marabaixo e o Batuque, elementos marcantes da cultura afro-amapaense. (Fonte: Diário do Amapá).

6 Floriano Lima é um fotógrafo amapaense que registra o cotidiano de Macapá. Suas fotografias relatam das cenas mais simples às mais complexas de nossa cidade. Começou a fotografar aos 12 anos de idade. O talento ele diz que herdou do pai, Luís Lima, que era comerciante e fotógrafo nas horas vagas. Suas obras vêm ganhando repercussão na internet. São imagens que mais parecem pinturas de lugares já desgastados com a ação do tempo. Como qualquer fotógrafo, ele começou de baixo, com máquinas simples, como versões da Kodak de 1980. (Fonte: Arte Amazon).*Ti. Graecta ina, vil clesse publi factuit in re orae nos patua nossolti, supio, mus et vid pultiaccivid cum tebus manum nen perio, su ceperum ac vivividemus, avo, Caterfes ercerios, esulina, publis nondam averei publice perfecur ut essentioccio inte patus; C. Pat, quam sesultum publiae, utercernum, noraris? Nos vid in demerei sen se mo inatortum dienirm andemus*

(Macapá 2018)⁷, dos quais pontos referentes às perspectivas patrimoniais, identitárias e de acesso à cidade foram discutidas e comparadas àquelas de caráter tido como mais artístico (músicas e fotografias).

Antes de adentrar as minhas considerações sobre os recortes anteriormente explicitados, gostaria de – em um breve exercício – realizado ao apresentar a seleção de material empírico. Na busca por canções, fotografias e planos, com intuito de falar sobre Macapá, estive frente a um dilema: o familiar. Mesmo que autores como Velho (2003, 2008) apresentem o familiar enquanto categoria já fundamentada de análise é importante discorrer sobre esse aspecto na construção desta pesquisa. Enquanto sujeito que habitou/habita tais paisagens carrego relações, trajetórias, histórias e opiniões. Deste invólucro social que serpenteio entre referenciais teóricos e culturais. E, assim, me situo nesse “multipertencimento”, descrito por Velho (2003:18), pesquisando as representações de um grupo a qual pertencço, a partir dos envolvimento com as músicas que são entoadas nas escolas, praças e rádios. Das fotografias que são compartilhadas nas redes sociais, e que pela internet chegam até mim, aos planos diretores

e urbanísticos descobertos por notícias e livros, realizo esse estranhamento.

Diferentemente do texto integral do trabalho de conclusão de curso, com breve divulgação e circulação, não me atentarei às análises de forma esmiuçada, entretanto, em um esboço dos principais eixos de discussão que se desenrolaram ao longo da escrita, construção e debate deste trabalho.

Início trazendo o apego ao som, à cidade que é paisagem, a paisagem que é cidade e que se mistura com os sons, com gritos, com batuques apressados e ritmos amazônicos na composição de paisagens sonoras urbanas (Vedana 2010). Por essa razão, a indissociabilidade e, em muitos momentos, o total esquecimento de que a paisagem também é formada pelos sons é que decidi tratar sobre as canções e o que elas falam sobre a cidade. Cabe ressaltar que este trabalho não se qualifica enquanto uma análise etnomusicológica, mas como uma forma de alçar novos horizontes sobre a temática a esse pesquisador que vos fala.

Afinal, o que é essa Música Popular Amapaense? O blog Cultura Amapaense responde acerca do “estilo” musical e de seus compositores da seguinte forma,

⁷ Projeto lançado pela Prefeitura Municipal no ano de 2018. Para maiores informações, acessar: 300anos.macapa.br.

As músicas feitas por eles contam a estória de nosso povo e seu dia a dia e de uma maneira bem poética seu jeito de viver, as músicas amapaenses já foram tocadas em alguns outros estados como Rio de Janeiro e foi muito bem aceita. (...) Música Popular Amapaense a nossa estória contada através de melodias nada mais belo para uma terra cheia de encantos e magia onde existe um povo acolhedor e hospitaleiro. (Cultura Amapaense, 2009).

Essa narrativa, retirada de um blog, traça algumas considerações importantes para esta pesquisa, principalmente ao tratar a música enquanto um agente que conta a história desse povo intrinsecamente ligado à água e suas raízes ribeirinhas, a partir, em sua maioria, da presença do rio Amazonas em seus versos, como também dos barcos, contos, causos e da saudade de uma “vida mais simples”. O que me gera questionamentos é o seguinte: o quanto a Macapá que hoje vivenciamos faz ou não coro a essas canções? (Souza 2019).

Durante os “mergulhos” e apreciações, passaram-se infinitas horas das quais foram guiadas pela constante trilha sonora⁸ que é alvo de análise. Desses momentos de “campo”, pude traçar eixos recorrentes nessas produções: identidade amapaense, a idealização de um jeito ribeirinho de ser, a presença de lugares e a aproximação com a “natureza”. Daqui em diante fora quase impossível

ouvir e perceber tais músicas, familiares aos meus ouvidos, com os pensamentos de outrora. Tais canções falam sobre lugares esquecidos, falam de “casa”, das pessoas que por ali vivem e falam do rio, da magia e do misticismo de ser-estar na Amazônia.

Tal identidade amapaense, posta enquanto um dos eixos de recorrência, institui-se de variadas formas, mas uma delas, ao menos que foi de destaque, é constituída a partir dos lugares e principalmente da diferença. São evocados os lugares característicos, as lendas e memórias compartilhadas pela cidade que constroem as redes de sociabilidade ali delicadamente construídas e remodeladas. Assim, relembro que o passado e presente não agem de formas antagônicas, mas como Rocha e Eckert (2001: 12) dizem: “eles superpõem-se ritmicamente e, num processo ondulatório, ao ponto da sua consolidação, deixam a descoberto a matéria de suas lembranças”. São a partir dessas considerações que as temáticas/eixos se sobrepõem ao longo da análise, buscando elementos similares em suas próprias construções, já que a identidade amapaense perpassa esse “jeito ribeirinho de ser” que se conecta com a aproximação constante com a natureza, dando diferentes tônicas e representações sobre uma

⁸ As músicas utilizadas estão disponíveis no seguinte link: https://www.youtube.com/playlist?list=PLGZYplEr6TZeTjdoOIAc2_ymtPRBhaqa3

cidade híbrida de terra firme e água, e que cá entre nós nem sempre é “tão no meio do mundo assim”.

Uma das canções escolhidas foi *Pedra do Rio*, interpretada por Osmar Júnior, que traz alusão à Pedra do Guindaste, monumento que se encontra na frente da cidade e é composto por uma imagem de São José de Macapá, padroeiro da cidade e do estado do Amapá. Há uma lenda acerca da pedra e, como é comum na região amazônica, tem uma relação intrínseca com a ferocidade das águas,

A famosa pedra é conhecida por suas lendas que fazem parte da rica cultura do caboclo amapaense. Uma delas é contada pelos moradores da antiga rua da Praia e Igarapé das mulheres, hoje bairro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Afirmam existir na pedra uma cobra grande, com dimensões ainda não calculadas, que na maré de reponta - ou seja, quando a água do rio não está na cheia e nem na vazante - sai dali para tomar água, de maneira que a mesma nunca conseguiu cobrir a pedra. Se porventura, alguma autoridade tiver a infelicidade de mandar retirar a pedra do rio, a água do Amazonas subirá tanto, que Macapá toda irá para o fundo.

Outra versão da lenda é que havia na tribo dos Tucuju - primeiro povo habitante dessa terra - uma índia muito bonita, apaixonada por um índio que todas as manhãs saía pela praia em busca de alimento. Quando ele saía, a namorada acompanhava-o até a praia e lá ficava o dia todo, até o sol **pousar na Lagoa dos Índios**, quando o índio voltava e a levava para a maloca. Isso acontecia todos os dias e começou logo a ser observado pela tribo. Num certo dia, de manhã cedo, como acontecia todos os dias e começou logo a ser observado pela tribo. Num certo dia, de manhã cedo, como acontecia sempre, o índio desceu o rio pela praia

e sua amada ficou à espera no local de sempre, mas aconteceu que ele não voltou. A noite chegou, a índia desesperada ainda o esperava em vão. Acocorou-se e chorou a noite toda, dias e dias, e lá morreu. No lugar de suas lágrimas nasceu a pedra com formato de corpo de mulher, que mais tarde, muitos anos depois passou a ser conhecida como **Pedra do Guindaste**. (Lopes & Andrade 1997 apud Castelo Roger, 2011).

Neste traçado é que a letra de *Pedra do Rio* vai entoar sobre essa região da cidade, sobre vivências ali contidas e sobre o São José a proteger Macapá. Acerca disso, houve um acontecimento de certa singularidade nos últimos anos em relação à tão falada Pedra do Guindaste. Em 2017, a Diocese de Macapá propôs a retirada da imagem atual com intuito de realizar sua troca por outra mais nova. A comoção foi pública. Rendeu abaixo-assinado on-line, evento no Facebook, memes, piadas e a constante lembrança de que “Agora Macapá vai pro fundo”.

O que pude perceber na época do ocorrido e depois, ao trazer essa anedota às reflexões da minha pesquisa, foi que tal situação, tida por muitos a partir de tons jocosos, pode ser vista enquanto um processo de construção, lembrança e significação de um patrimônio por diversas camadas. Como resultado, tanto o abaixo-assinado quanto o evento via Facebook tiveram centenas de compartilhamentos, assim, a Diocese optou por

voltar atrás na decisão e manter a atual e mística pedra e ao ritmo das marés, continua a proteger imagem. Ali, o São José, aliado a uma estranha Macapá da fúria e lamúria do Amazonas.



Figura 2 - Captura de tela do evento no Facebook *Intervenção popular para impedir que Macapá afunde!*⁹



Figura 3 - Captura de tela da notícia *Substituição da imagem de São José é cancelada*, retirada do site SelesNafes.com¹⁰

9 Disponível em: <https://www.facebook.com/events/365621720556908/>.

10 Disponível em: <https://selesnafes.com/2017/11/substituicao-da-imagem-de-sao-jose-e-cancelada/>.

São desses eventos, mistos de exaltação, conflitos e diferentes percepções do que é patrimônio, ou não, que se constroem, por exemplo, as reflexões acerca da construção e invenção da categoria patrimônio e sua correlação com a discussão de identidade para o antropólogo catalão Llorenç Prats (1997).

Debo aclarar que entiendo que la identidad, del tipo que sea, es también una construcción social y un hecho dinámico, aunque con un razonable nivel de fijación y perduración, y que toda formulación de la identidad es únicamente una versión de esa identidad, un contenido otorgado a una determinada etiqueta. Por tanto, pueden coexistir, y de hecho coexisten normalmente, distintas versiones de una misma identidad, que habitualmente se articulan en relaciones de complementariedad u oposición, aunque también pueden suceder que se ignoren. (Prats 1997:31)¹¹.

Tal trecho do livro *Antropología y Patrimonio* faz referência aos tipos de patrimônio institucionalizados e sua relação com as diferentes identidades e, principalmente, à construção delas, que acredito que são simultâneas em determinados níveis. No caso da remoção da pedra, o que se coloca aqui não é patrimônio material que a pedra representa, porém, os aspectos cosmológicos

ligados a ela e sua presença na cotidianidade, em parte de seu atributo material que, entretanto, não pode ser atribuído apenas por uma análise tipológica ou topográfica, mas de nuances de seus significados perante grupos que dela se utilizam em regimes de conversação que nem sempre são de fácil acesso.

Explorar tais canções, suas letras e suas nuances ao comunicar tornaram-se foco ao perceber, como dito anteriormente, que falar de cidade e suas representações paisagísticas é mergulhar em multitudes de suportes, formas e perspectivas acerca de tais. As identidades construídas, ou melhor, aqui postas às reflexões, são alcançadas pela “simplicidade” e irreverência de cantar a cidade e suas historietas. Ainda a busca por materiais que possuíssem diferentes características e, conseqüentemente, discursos acerca da Cidade e suas paisagens é “trabalhar” a partir de realidades distintas (até mesmo construídas) de tais múltiplas visões.

Enquanto o segundo material de análise, daqueles que “escavei suas significações, debitei sentidos equivocados e estratigrafei suas cores, tive em mãos ou “bytes” fotografias” (Souza 2019:

11 Devo esclarecer que entendo a identidade, de qualquer tipo, também é uma construção social e um fato dinâmico, embora com um nível razoável de fixação e resistência, e que qualquer formulação de identidade seja apenas uma versão dessa identidade, conteúdo concedido para uma determinada etiqueta. Portanto, diferentes versões de uma mesma identidade podem coexistir, e de fato normalmente coexistir, que geralmente são articuladas em relações de complementaridade ou oposição, embora também possam ser ignoradas. (Prats 1997: 31). Tradução de responsabilidade do autor.

50). Anteriormente posto, utilizei de uma amostra específica das quais as considerações a seguir terão embasamento.

Como realizei com as músicas, decidi que os relatos desse texto serão mais sucintos e centrados em percepções gerais e menos densas das postas no texto que o inspirou. Seguindo a navegação, penso que pelo rio Amazonas, na orla da cidade, entre a Fortaleza de São José e o Trapiche, entre o Araxá e o Santa Inês, quem sabe o Jandiá (alguns elementos e bairros da cidade), muitas dessas fotografias foram tiradas, recortadas, pensadas e compartilhadas internet afora.

Os desafios de trabalhar sobre “casa” e ao mesmo tempo “fora de casa” me levaram a escolhas como essa: a partir de fotografias compartilhadas no Facebook discorrer sobre identidade, pertença, cidade e suas paisagens. Inspiro-me em Sontag (2009) e acredito que tais imagens, as fotografias de Floriano, são mais do que uma ótica para ver o mundo, entretanto, como a autora propõe, “constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver” (Sontag 2009:13).

Continuo pensando sobre fotografias a partir de Sontag (2009) e, precisamente, como elas estão atreladas a diferentes sentidos e relações, ou seja, estão imersas em um fluxo de significações que

reiteram a sua própria existência e do lugar que estão. Para a autora,

As fotos são, é claro, artefatos. Mas seu apelo reside em também parecerem, num mundo atulhados de relíquias fotográficas, ter o status de objetos encontrados - lascas fortuitas do mundo. Assim, tiram partido simultaneamente do prestígio da arte e da magia do real. São nuvens de fantasia e pílulas de informação. (Sontag 2009:84).

Para a Arqueologia, teríamos um excelente conceito, já que há um apego ao aspecto material presente, porém não lidei e lido com a materialidade imposta pela fotografia e sua presença espacial no mundo enquanto artefato propriamente dito. A representação, divulgação (on-line) e assimilação delas, em relação às identidades são pontos de convergência e interesse. É curioso como a expressão material fotográfica, nesse caso, é dada através de *bytes*, curtidas e compartilhamentos em um “mundo virtual” que transborda em práticas e relações culturais, políticas e sociais (Souza 2019).

Relembro que, ao discorrer sobre as canções, elenquei temas de recorrência, em contrapartida com a amostra de fotos, que dividi a partir de temáticas em referência às suas composições imagéticas, não necessariamente as regiões da cidade que cada uma representava¹². As surpresas

12 Ao todo, foram 26 fotografias divididas nas seguintes categorias: 14 delas sobre a “Orla” da cidade, duas sobre “Sujeitos Cotidianos”, uma acerca das “Temporalidades e seus Palimpsestos”, uma sobre a “Praça Nossa Senhora da Conceição”, duas acerca do “Marco Zero do Equador” e uma sobre a região do Curiaú.

se instauram em perceber que as temáticas, ou aquelas elencadas, se conversam e, principalmente, como notei ao ler e reler o Plano Diretor em vigência, essas diferentes identidades e suas formas de representação se cruzam, se misturam e se fundam em aspectos de extrema similaridade.

Com as fotografias, retorno a pensar esse sujeito amazônico, da água, que nasce e cresce na “beira do rio”, que sente saudade da simplicidade, mas que agora vive na cidade sem perder raízes. Sobre isso, Costa (2017) reflete sobre as incessantes trocas e configurações entre os tantos ditos “progressos” a chegar, o avanço do capital, práticas predatórias ao ambiente e esse sujeito amazônida que busca no “fazer-cidade” (termo aqui de empréstimo de Agier 2015), “uma participação efetiva da existência e, acima de tudo, como nós nos relacionamos com a própria vida” (Costa 2017:105).

São dessas formas de “protagonismo” e ainda mais de expressar a relação com o próprio espaço na Amazônia (Costa 2017) que apresento os rios de Floriano. Esses mesmos rios que são um só: o rio Amazonas, aliado turístico, constante a relembrar dos “interiores” das vidas de outrora e feroz no adentrar a cidade (Figura 4 e 5).



Figura 4 - A.L.V.O.R.E.C.E.R Macapá-AP¹³

13 Página de Floriano Lima no site de relacionamentos Facebook (603 compartilhamentos). 20 de agosto de 2019. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2466775043398266&set=a.312062372202888&type=3&theater>.



Figura 5 - AMAZONAS Macapá-AP¹⁴

Seguindo pelas margens do Amazonas, trago o último dos materiais utilizados durante minha monografia: o Plano Diretor. Realizei uma análise, rasa em comparação com outras áreas do conhecimento que utilizam o mesmo suporte enquanto objeto de estudo¹⁵, do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá (Macapá 2004) com objetivo de compreender como o poder público, por meio de tal documento, faz considerações acerca das paisagens da cidade em um contexto mais amplo.

Falar sobre cidades é pensar através dos conflitos de narrativas que nelas se fazem presentes, ou seja, ter como ponto de partida as diferentes formas em que se apresentam e, conseqüentemente, os diferentes sujeitos e visões particulares do urbano. Por conseguinte, discorro, a partir do Plano Diretor, o que seriam os processos de institucionalização das paisagens e das óticas de ver, ser e estar na cidade.

Os meandros de se pensar uma Arqueologia Urbana, em contexto contemporâneo, é sem delongas ambientar-se nas disputas, nos ritmos dançantes, suas máscaras e as formas de controle. As paisagens da cidade também são controladas,

¹⁴ Perfil de Floriano Lima, no site de relacionamentos Facebook (1.300 compartilhamentos). 27 de novembro de 2019. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1964566846952424&set=a.312062372202888&type=3&theater>

¹⁵ Áreas do conhecimento como Direito, Geografia, Arquitetura e Urbanismo.

não apenas por aspectos propositais como as novas construções, cores das calçadas ou festas populares, mas como também pelo cerceamento dos corpos e pelas práticas coercitivas do Estado, no que “ao final das contas”, os Planos Diretores e tantos outros processos de fiscalização e conceituação do “que é cidade” fazem parte. Posso encarar, e aqui utilizo de tal concepção, tais aparatos de regimento de desenvolvimento (Plano Diretor de 2004) enquanto tecnologias de poder (Foucault 1989, 2014) que participam dos processos de controle e asseguram “a irrigação dos efeitos do poder por todo o corpo social, até mesmo em suas menores partículas” (Foucault 1989:121). É a partir dessas concepções e da compreensão de que o processo de criação, construção e aplicação dos Planos Diretores no Brasil, indo de encontro às suas premissas de pluralidade, é pautado em dinâmicas de exclusão que minha pesquisa se estrutura. No meio de tudo isso, o que é cidade para o plano atual de Macapá? E ainda mais: o que “faz” essa cidade cotidianamente?

No texto de 2004, de forma curiosa em suas primeiras páginas, se repete ostensivamente a expressão “função social da cidade” e delimita questões que a definem. Provoco questionamentos sobre o dito “social” nessa concepção, ou seja, de que tipo de conceito socialmente posto de cidade estou a perceber. Ao longo das páginas, lidas e

relicas, tal definição se mostra mais presente ao se misturar com tantos outros fatores do gerir, homogeneizar e institucionalizar os espaços citadinos. Sobre a função social, Saleme (2005) diz que

O princípio da função social das cidades supera a tradicional visão da urbis. Refere-se ao atendimento das necessidades presentes, futuras e reconhecimento de condições capazes de desenvolver o município e oferecer melhores condições de vida aos seus Municípios. (Saleme 2005:21-22).

Entretanto, seria essa “função social” a égide do bem-viver urbano? Seria ela pautada nas reais necessidades, ou construída, aplicada e regulamentada por meio de mecanismos não tão participativos quanto deveriam?

O Plano Diretor em vigência foi promulgado no ano de 2004 e carrega em sua construção a premissa da participação popular, como tantos outros influenciados pela promulgação do Estatuto das Cidades (2001). Mas e se o caráter participativo não foi tão participativo assim, como aponta Tostes (2006)? Estaríamos tecendo comentários sobre a função social da cidade que reconhece as ditas “melhores condições de vida aos seus munícipes”, como coloca Saleme (2005), ou se estaria tratando a “dita cuja” de forma expressivamente ligada à “função social da propriedade privada” como aponta Rodrigues (2004)? Opto pela segunda das

opções, mesmo esse não sendo um jogo de escolhas a serem feitas, mas sim de perspectivas a serem comparadas.

E vamos à função social,

As orientações contidas neste documento conformam a base de um processo de planejamento permanente de gestão urbana e ambiental do município, que tem na participação popular um dos principais componentes para a consolidação do objetivo maior da política de desenvolvimento urbano, que é ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes (Macapá 2004: 5).

Por esses e outros caminhos se segue o conteúdo desse texto (Plano Diretor) como, inclusive, em referência a uma possível explicação da utilização, caracterização e manejo de espaço. O que me cabe pensar sobre como tal “função”, pautada na propriedade privada, se institui e se configura na urbe a partir, conseqüentemente, quem detém tal propriedade e dos processos de exclusão sofridos por, em geral, comunidades ribeirinhas e das margens. Indo de encontro a tais configurações sociais aqui postas pela citação às comunidades ribeirinhas, busquei durante a monografia e aqui teço outros comentários acerca das áreas de ressaca e, principalmente, o teor ambiental higienizante dos discursos a elas direcionados.

Estou me referindo a Macapá, cidade situada

na região amazônica e com aspectos topográficos, hídricos e culturais ímpares, e assim proponho, ao falar de cidades amazônicas e seus processos de correlação mútua com a paisagem, pensar sobre as áreas de ressaca ou como comumente fui “ensinado” a chamar, as “baixadas”.

Existem muitos igarapés e zonas de alagamento na cidade, e pelo próprio crescimento desordenado e políticas de moradia, em sua maioria insuficiente ou não, a cidade cresceu e cresce para todos os lados, assim, esses cursos d’água não ficaram de fora. A construção dessas moradias, em quase totalidade de madeira, se dá através de pontes de ligação que se tornam as ruas desses bairros ou regiões. Entretanto, as condições sanitárias, de urbanização e moradia não são aquelas pensadas e universalizadas enquanto pertencentes à ideia de cidade. A partir dessas características e de sua importância em um ponto de vista ambiental são gerados discursos e práticas conflituosas (Souza 2019).

Art. 5º Para fins desta lei considera-se meio ambiente como a interação física, química e biológica a partir de recursos e condições naturalmente existentes, suscetível de transformações pelo ser humano, através da dinâmica social e econômica, que ocupe o espaço físico.
 § 1º Na aplicação da legislação relacionada ao desenvolvimento urbano e ambiental, deverão ser consideradas a integração e complementaridade entre o meio ambiente natural e o ambiente urbano.
 § 2º Considera-se patrimônio ambiental

do Município de Macapá, para fins de tratamento especial pela legislação e pelas políticas públicas municipais, os recursos naturais municipais e qualquer manifestação material ou imaterial que seja representativa da cultura dos habitantes do Município, quando sua manifestação esteja associada ao meio ambiente.

§ 3º Incluem-se no patrimônio ambiental do Município de Macapá:

I - a orla do rio Amazonas;

II - as ressacas;

III - os demais recursos hídricos;

IV - o ecossistema de várzea;

V - o ecossistema de cerrado;

VI - os bosques;

VII - os ninhais;

VIII - os sítios arqueológicos;

IX - os bens imóveis históricos e culturais;

X - o traçado original da antiga praça e vila de São José de Macapá;

XI - os costumes e as tradições populares manifestos no meio ambiente.

§ 4º Entendem-se por ressacas, as áreas que se comportam como reservatórios naturais de água, apresentando um ecossistema rico e singular e que sofrem a influência das marés e das chuvas de forma temporária (Macapá 2004:16).

Mesclo minhas reflexões sobre as áreas de ressaca com o próximo dos tópicos acerca de diversos tipos de patrimônios definidos, ambiental, arqueológico, cultural e paisagístico, com o intuito de não me alongar em demasia. Seguirei por dois caminhos: o primeiro deles focado no “preservar” aqui em estrita ligação com o meio ambiente (patrimônio ambiental e paisagístico) e as tantas pontes de Macapá. Os discursos, em suma proferidos, como já postulei, são encarados a partir de uma ótica de preservacionismo ambiental, até

mesmo cultural, higienizante que coloca o sentido desses discursos, sendo eles os mais diversos, pautados um “preservar por preservar”. Como esse movimento, aqui incluo cientistas das ditas humanas e sociais,

não estaríamos mais preocupados com a preservação das coisas, ou melhor, com a conservação física das coisas do que com as pessoas e os sentidos que atribuem ao mundo material?” (Cabral et al. 2018: 265).

O segundo desses caminhos é lembrar as ditas construções materiais identitárias de Woodward (2000), expostas e postas a densas repetições nas primeiras páginas aqui escritas e lidas, para, em um exercício simples, confesso, de trazer a ótica do Estado, representada pela Prefeitura, às paisagens da cidade e seus sentidos. O Plano Diretor define diversos pontos a serem vistos e tidos enquanto pertencentes a esse dito “patrimônio paisagístico”, categoria que a propósito renderia diversos e exaustivos comentários que não se encaixam nesse momento, esses pontos de encontros se fundam na orla da cidade, no trapiche, no traçado de uma “velha” Macapá e seus atributos históricos e daqueles construídos como identidade. As semelhanças aqui são postas a partir dos mesmos lugares cantados e fotografados, entretanto, a narrativa é essencialmente diferente. Os processos dinâmicos são interrompidos pelo “preservar” e a ótica

higienizante e cerceadora dos corpos é tida enquanto o ideal.

Por esses e tantos contrastes que as cidades contemporâneas, uma delas a de Macapá, são fundadas e centradas em um cotidiano imerso nos mais diversos regimes (im)postos. E ao discorrer sobre aquilo do qual Velho (2008) chama de familiar, pude perceber as próprias tramas do lugar que chamei e chamarei por longos anos de casa.

4 CONSIDERAÇÕES: INDO ALÉM DO LUGAR DE TANTAS BACABAS

Permito dizer que Macapá construiu-se de forma diversa a partir do que aqui fora dito, rabiscado e repostado. Pude pensar novos significados para tais paisagens, sentidos esses que se remodelam e transmutam ao longo do tempo. Percebi que a construção de identidades paisagísticas é realizada em contrastes subjetivos e generalistas do ser/estar paisagem. As divagações que obtive são fruto desse lugar em especial no qual ocupo, acadêmico e “nativo”, mas é apenas outra no meio de tantas e tamanhas reflexões poéticas, acadêmicas e silenciosas do que é falar sobre uma cidade. O que procuro desemaranhar dos pensamentos é que a paisagem enquanto um fenômeno socialmente construído é apreendido a partir de experiências

únicas, mas também controlado e escolhido a partir de um contexto social da qual emerge e traz sentido.

Durante a monografia e nesse texto, tive a preocupação de representar a cidade, suas espirais e prismas de sensações e arranjos das mais variadas e diferentes concepções. Espero ao alcance do possível, ter obtido o mínimo de êxito. Durante a arguição de *Onde estão as bacabeiras na Cidade das Bacabas? Arqueologia das Paisagens e seus palimpsestos em uma capital no meio do mundo*, uma das componentes da banca avaliadora me questionou sobre qual a importância, ou melhor, o papel de um arqueólogo ao estudar cidade e pensar os planos diretores. Confesso que durante vários momentos, após responder de forma até satisfatória quando questionado, respondi essa questão entre meus próprios devaneios. Entretanto, mesmo durante a escrita que aqui faço, não pude responder de forma objetiva e centrada qual seria essa importância. Acredito, a propósito, que meu trabalho não abre caminhos para grandes e inspiradoras análises do cerne das construções paisagísticas enquanto também formas de perceber aspectos sobre as identidades.

Durante esse texto e em seu título trouxe como categoria a expressão “meio do mundo”, destrinchada em seus diferentes aspectos em minha análise, agora retorno a ela com intuito

de propor breves (e provisórias) conclusões sobre essa pesquisa. Ao falar de Macapá, da construção de suas paisagens a partir das letras de músicas, fotografias e discursos de planejamento urbano tive como objetivo costurar reflexões sobre como se apresentam categorias como cidade, identidade e paisagem no cotidiano da urbe. Cabe ressaltar, que no exercício relatado por Magnani (2002), ora de “passagem” ora “de perto e de dentro” e compreendendo a cidade enquanto lugar de se fazer Arqueologia no contemporâneo encarei as paisagens de “uma cidade tão familiar” enquanto constructos culturais e sociais. Esses que são

passíveis de serem analisados e destrinchados. Entender Macapá e o “meio do mundo” parte de pensar os discursos frutos de escolhas, muitas vezes assimétricas, do que se pretende representar enquanto cidade, dos emaranhados dos grupos sociais, seus patrimônios e conflitos.

Sendo assim, mesmo com os recortes e “picotes” do trabalho na íntegra, a cidade de Macapá por aqui tomou forma, “não tão no meio do mundo assim”, mas ainda múltipla, cheia de intempéries e imperfeita ao caminhar sobre as égides de tempos passados que são hoje e serão amanhã.

REFERÊNCIAS

Agier, M. 2015. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana* 21: 483-498.

Anzini, V. B. 2021. *A queda do falo: arqueologia do cotidiano de travestis e mulheres trans*. Porto Alegre: Ed. da autora.

Arte Amazon. *Floriano Lima*. Disponível em: <https://arteamazon.com/artista/5/floriano-lima> (acesso 5 outubro 2020).

Blog Castelo Roger. 2011. *Lendas do Amapá – A Pedra do Guindaste*. Disponível em: <http://casteloroger.blogspot.com/2011/04/lendas-do-amapa-pedra-do-guindaste.html> (acesso 3 agosto 2020).

Brasil. *Lei n 10.257 de 10 de julho de 2001* (Estatuto da Cidade). Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília (DF).

Besse, J. M. 2006. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva.

Cabral, M.P, D. Pereira, e M. Bezerra. 2018. Patrimônio arqueológico da Amazônia: a pesquisa, a gestão e as pessoas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 38: 247:270.

Costa, S. C. M. 2017. Imagem fenômeno e diálogo visual: conexões de pesquisa. *Visagem - Antropologia Visual e da Imagem* 3: 5-109.

Costa, V. A. 2020. *As manifestações das paisagens ocultadas: Arqueologia da Pelotas de trabalhadoras sexuais*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

Cultura Amapaense. 2009. *MPA: Música Popular Amapaense*. Disponível em: <http://culturaamapaense.blogspot.com/2009/03/musica-popular-amapaense.html> (acesso 3 setembro 2020).

Dança das Senzalas. [Compositor e intérprete]: Grupo Senzalas. Hamburgo: Tupirama Music, 2000. 1 CD.

Diário do Amapá. 2016. *Zé Miguel: um cantor do meio do mundo*. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/ze-miguel-um-cantador-do-meio-do-mundo/> (acesso 5 outubro 2020).

Diário do Amapá. 2016. *O amazonismo na música e na literariedade de Osmar Júnior*. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/articulistas/osmar-junior/o-amazonismo-na-musica-e-na-literariedade-de-osmar-junior/>. Acesso em: 5 out. 2020.

Douglas, M. 2014. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.

Fagundes, M., D. Piuzana. 2010. Estudo teórico sobre o uso de paisagem em pesquisas arqueológicas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* 8.

Fagundes, M. Natureza e Cultura: um estudo teórico sobre o uso do conceito de paisagens nas ciências humanas. 2014. *Revista Tarairú* 7: 32-54.

Fonseca, C. L. 1999. “Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação”. *Revista Brasileira de Educação*, 10: 58-78.

Foucault, M. 1989. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. 2014. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. Petrópolis: Vozes.

Gonzalez-Ruibal, A. 2006. The Past is Tomorrow. Towards an Archaeology of the Vanishing Present. *Norwegian Archeological Review*. 39: 110-125.

Hall, S. 2000. Quem precisa de identidade, in *Identidade e Diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais*. Editado por T.T. Silva, pp. 103-133. Petrópolis: Vozes.

Heller, A. 2016. *O Cotidiano e a História*. 11. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Ingold, T. 2018. *Estar vivo - Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.

Magnani, J. G. C. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 49: 11-29.

Magnani, J. G. C. 2009. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos* 32: 129-156.

Lopes, M. V., D. G. V, Andrade. 1997. *Amapá: cultura, poesia e tradição*. Macapá: Editora Kelps.

Macapá. Prefeitura Municipal. 2018. *Macapá, rumo aos 300 anos*. Disponível em: <http://300anos.macapa.br/> (acesso 15 agosto 2020).

Macapá. Prefeitura Municipal. 2004. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá*. Macapá: PMM/SEMPLA/IBAM.

Passos, L. P. 2019. *Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Pellini, J. R. 2009. Uma conversa sobre Arqueologia, Paisagem e Percepção com Robin o Bom Camarada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 19: 21-37.

Pellini, J. R. 2011. Onde está o gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem. *Revista Habitus* 9: 17-31.

Prats, L. 1997. *Antropología y Patrimonio*. Barcelona: Ariel.

Reis, J. A., e M. P. Cabral. 2018. Precisamos falar sobre tempo, cosmologias ameríndias, ontologias e outras ... Mas, o que é que a arqueologia tem a ver com isso? *Vestígios: revista latino-americana de Arqueologia Histórica* 12: 35-50.

Revoada. [Compositor e intérprete]: Osmar Júnior. Macapá: Produção independente, 1991. 1 LP.

Rocha, A. L. C., e C. Eckert, C. 2001. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração, in *Imagem e Memória: Ensaio em Antropologia Visual*. Editado por M. G. P. Koury, pp 19-40. Rio de Janeiro: Garamond.

Rodrigues, A. M. 2004. Estatuto da Cidade: função social da Cidade e da propriedade. *Cadernos Metrópole* 12: 9-26.

Rodríguez, S. L. S. 2019. *Se eu comprei, então é meu! Coisas do cotidiano e do prazer sexual para além da heteronormatividade*. Rio Grande: CLP.

Saleme, E. R. 2005. Parâmetros sobre a Função Social da Cidade. *Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito*. Fortaleza: CONPEDI.

SelesNafes.com. 2017. *Substituição da imagem de São José é cancelada*. Disponível em: <https://selesnafes.com/2017/11/substituicao-da-imagem-de-sao-jose-e-cancelada/> (acesso 20 julho 2020).

Sentinela Nortente, [Compositor e intérprete]: Amadeu Cavalcante, Belém, 1989. 1 LP.

Silva, A.F. 2006. *Estratégias materiais e espacialidade: uma arqueologia da paisagem do Tropeirismo nos Campos de Cima da Serra/RS*. Dissertação de Mestrado, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Silva, A. F. 2009. Caminhos e percepções que constituem paisagens. *Vestígios: revista latino-americana de Arqueologia Histórica* 1: 37-49.

Silva, A. F. 2010. *Meu avô era tropeiro! Identidades, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo - Bom Jesus (RS)*. Tese de Doutorado, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Silveira, F. L. A. 2004. *As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens: estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do RS*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Silveira, F. L. A. 2009. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar, in *Paisagem e Cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade*. Editado por C. D. Cancela, e F. L. A. Silveira, pp 71-83. Belém: Editora UFPA.

Sontag, S. 2009. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sousa, A. C. 2005. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Habitus: revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia* 3: 291-300.

Souza, N. A. O. 2019. *Onde estão as bacabeiras na Cidade das Bacabas? Arqueologia das Paisagens e seus palimpsestos em uma capital no meio do mundo*. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

Tarumã. [Compositor e intérprete]: Amadeu Cavalcante. Macapá: MM Studio e Estúdio José São Paulo, 1996. 1 CD.

Teixeira, A. C. 2019. *Da rede à fábrica: uma arqueologia das mulheres trabalhadoras do município de São José do Norte - RS (1970-1995)*. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

Thiesen, B. V. 1999. *As paisagens da cidade: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX*. Dissertação de Mestrado, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Thiesen, B. V. 2011. Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade - Rio Grande (RS). *Métis: história e cultura* 8: 143-155.

Tostes, J. A. 2006. *Planos diretores no estado do Amapá: uma contribuição para o desenvolvimento regional*. Macapá: Tostes.

Tramasoli, F. B. 2015. *Arqueologia da cidade cinza: paisagem e discurso na cidade do Rio Grande*. Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Tramasoli, F. B. 2017. “Haja hoje p/ tanto hontem”: apontamentos sobre a arqueologia e o contemporâneo. *Revista de Arqueologia* 30: 186-209.

Vedana, V. 2010. Paisagem sonora e antropologia urbana: um ensaio sobre as sonoridades da cidade. *VII Congresso Chileno de Antropología*. San Pedro de Atacama: Colegio de Antropólogos de Chile A. G.

Velho, G. 2003. O desafio da proximidade, in *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Editado por G. Velho, e K. Kuschmir, pp. 11-19. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Velho, G. 2008. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Vida Boa. [Compositor e intérprete]: Zé Miguel. Macapá: Produção independente, 1991. 1 LP.

Wikipedia Brasil. 2019. *Amadeu Cavalcante*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Amadeu_Cavalcante (acesso 5 outubro 2020).

Woodward, K. 2000. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, in *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Editado por T.T. Silva, pp. 7-72. Petrópolis: Vozes.